

A MULHER NEGRA COMO APRESENTADORA DE TELEVISÃO

Ana Carolina Huertas Antonio (IC) e Denise Paiero (Orientadora)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo verificar a presença da mulher negra como apresentadora de televisão. Com uma pesquisa de campo nas emissoras Globo, SBT, Record, Rede Tv, Band, Cultura e Gazeta em São Paulo, enxergasse a falta de mulheres negras neste cargo. Partindo da abolição da escravidão que não inseriu o negro na sociedade e principalmente no mercado de trabalho, pontuasse o cenário atual da população negra no Brasil para desenvolvimento da questão. A mulher teve dificuldades para se inserir no mundo profissional, e o negro mais ainda. Temos assim a mulher negra como última na fila da inserção social. Trazendo evidências do início a entrada dessas duas minorias no jornalismo, obtemos o sexismo e o racismo como grandes obstáculos. Este projeto busca entender as causas desta falta de representatividade e oportunidades, colocando o racismo estrutural como peça chave para esse problema. Trazendo também relatos de jornalistas negras sobre o preconceito dentro do jornalismo e como elas se sentem neste meio. Nos relatos se dá enfoque em duas jornalistas: Maria Julia Coutinho e Joyce Ribeiro, as únicas duas âncoras negras dos telejornais verificados. Enxergando a posição de apresentadora de televisão o cargo do jornalismo mais ligado a estética, o rosto da notícia, esta pesquisa busca levantar o questionamento de porque este rosto praticamente nunca de uma mulher negra.

Palavras-chave: Mulher negra. Apresentadora. Televisão.

ABSTRACT

This research aims to verify the presence of black women as a television presenter. With a field research at Globo, SBT, Record, Rede Tv, Band, Cultura and Gazeta stations in São Paulo, is visible the lack of black women in this position. Starting from the abolition of slavery, that did not include black people in society and especially in the job market, we have a current scenario for the black population in Brazil to develop the issue. The woman had difficulties to insert herself in the professional world, and the black one even more. So we have the black woman as last in the line of social insertion. Bringing evidence of the beginning of the entry of these two minorities into journalism, we obtain sexism and racism as the major obstacles. This project seeks to understand the causes of this lack of representativeness and opportunities, placing structural

racism as the key to this problem. Also bringing reports of black journalists about prejudice within journalism and how they feel about it. The reports focus on two journalists: Maria Julia Coutinho and Joyce Ribeiro, the only two black anchors of the verified television news. Seeing the position of television presenter the position of journalism more linked to aesthetics, the face of news, this research seeks to raise the question of why this face almost never a black woman.

Keywords: Black Woman. Anchor. Television.

1. INTRODUÇÃO

De acordo com o IBGE o Brasil é um país constituído por 53% de sua população autodeclarada negra (pretos e pardos). Porém, uma pesquisa da Federação Nacional dos Jornalistas (2016), revelou que apenas 23% dos jornalistas brasileiros são negros, o que consolida o jornalismo como uma das profissões com a menor proporção de negros atuando.

O Grupo de Estudos Multidisciplinar da Ação Afirmativa (Geema) realizou um levantamento (2016) nos três maiores jornais do país: *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *Estado de S. Paulo*. A pesquisa constatou que os negros representam menos de 10% dos colunistas dos jornais e as mulheres negras praticamente não estão presentes. Elas representam apenas 4% das colunistas do jornal *O Globo*, 1% do *Estado* e 0% na *Folha de São Paulo*.

Esta pesquisa busca analisar a presença da mulher negra no jornalismo no cargo de apresentadora televisiva.

Além de representar uma parcela tão pequena dos profissionais do jornalismo, ataques racistas, explícitos e velados, acontecem com os poucos representantes da população negra nos jornais televisivos. Maria Julia Coutinho foi a primeira mulher negra a ser a garota do tempo em 2013, no programa Bom Dia Brasil e atualmente está no Jornal Nacional. Porém, em 2016, logo após sua entrada em horário nobre, a jornalista sofreu ataques racistas nas redes sociais.

Glória Maria também é outro nome de destaque nessa questão. Ela foi a primeira repórter negra a entrar ao vivo em 1971 e mesmos assim, declarou em sua entrevista à TV Mulher que sofre até hoje com o racismo.

Em 1992, um estudo de Raça, Gênero e Mercado de Trabalho, de Denise Silva e Marcia Lima, observou que funções que exigiam determinados atributos estéticos como vendedora, recepcionista e secretária, tinham de quatro a cinco vezes mais mulheres brancas e amarelas do que negras. Ao analisar a mulher negra como apresentadora de televisão, esta pesquisa busca analisar se o mesmo acontece com o jornalismo audiovisual.

O Brasil viveu mais de 300 anos de escravidão e até hoje a população negra sofre com as consequências dessa herança história. Eles são a maioria nos casos de violência policial e doméstica, são os primeiros afetados pelo desemprego em momentos de crise e enfrentam grandes obstáculos no meio profissional.

A abolição da escravidão não inseriu o negro no mercado de trabalho, apenas retirou os indivíduos de um sistema escravocrata, os jogou em uma sociedade que praticamente não oferecia oportunidades e as poucas que surgiam eram para empregos extremamente precários.

Mesmo 130 anos após a Lei Áurea, a dificuldade da inserção do negro no mercado de trabalho é facilmente perceptível. Segundo o Ministério Público do Trabalho, pretos e pardos enfrentam mais dificuldades na progressão da carreira, na igualdade salarial e são mais vulneráveis ao assédio moral.

De acordo o IBGE, em 2013 a população negra representava 52,9% do povo brasileiro, 52,8% da população economicamente ativa e 51,9% da população ocupada, porém a situação é parecida com a época da abolição: os negros ocupam em sua maioria, os lugares mais baixos da hierarquia do trabalho.

Uma pesquisa realizada pelo Instituto Ethos em 2016 analisou as 500 maiores empresas do Brasil e constatou que os negros, têm participação de apenas 34,4%. Para as mulheres negras a situação é ainda pior, pois elas representam apenas 10,6%, ocupando 10,3% do nível funcional, 8,2% da supervisão e 1,6% da gerência.

Quanto mais alto hierarquicamente, mais clara a cor de pele. Na parte executiva a presença da mulher negra reduz para apenas 0,4%, entre 548 diretores de ambos os sexos e todas as cores, apenas 2 são mulheres negras.

A população negra enfrenta diversos obstáculos por conta do preconceito. Porém, na busca de um lugar no mercado de trabalho, a mulher de cor é duplamente prejudicada: sofrendo as consequências do racismo e do machismo ao mesmo tempo. A função de apresentadora televisiva tem o jornalista como rosto da notícia, é um espaço de visibilidade e representatividade. O objetivo principal desta pesquisa é analisar a presença da mulher negra neste cargo do telejornalismo, contabiliza-la e analisar onde e como ela atua, procurando identificar o reflexo disso na sociedade. As emissoras analisadas serão: Globo, SBT, Record, Rede Tv, Band, Cultura e Gazeta.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 As minorias no jornalismo: mulheres e negros

O censo de 2000 do IBGE registrou o jornalismo como uma das profissões com a menor proporção de negros no país. Se os negros no geral já são minoria, a mulher negra é menor ainda, sofrendo duas vezes, uma por ser mulher e outra por ser negra.

No começo do século XX, as redações eram constituídas e pensadas assim como as antigas saunas: só para homens, contou José Hamilton Ribeiro em seu livro sobre a história da imprensa em São Paulo. “No Estadão, à noite, quando fervia o trabalho jornalístico, as mulheres não eram aceitas nem na mesa telefônica.” Era um homem quem assumia o posto. Durante o dia, elas só circulavam na área de serviço (RIBEIRO, 1998, p. 31).

Na década de 1930 as mulheres começam surgir timidamente nas redações, porém majoritariamente em setores femininos como: beleza, moda, culinária, questões domésticas e fofocas. O número de mulheres foi crescendo lentamente nesse meio, em 1939, apenas 2,8% dos profissionais de jornalismo no estado de São Paulo eram mulheres; em 1950, 7% e, em 1970, 10%. Em 2004, elas se tornaram maioria: 52,4% em todo o país. Atualmente elas representam 64% dos jornalistas, elas são mulheres brancas, solteiras, com até 30 anos de idade, sendo assim, essa representação não serve para falarmos da mulher negra. (ROCHA, 2006, SANT’ANNA, 2013; FENAJ, 2013).

Buscando uma mídia feita por essas minorias, encontramos exemplos com a revista *Brasil Mulher* que surgiu em 1975 feito por um coletivo de mulheres e liderado por Terezinha Zerbini. Em 1976, surgiu o Nós mulheres, um jornal declaradamente feminista e em 1981, começou a circular o Mulherio, um jornal de reflexão sobre a condição da mulher trazendo temas polêmicos de discussão necessária como aborto, violência doméstica, condições de trabalho das mulheres, direitos reprodutivos, sexualidade e mulher na política.

Os jornais de comunidades afrodescendentes começaram a aparecer por volta de 1978, como o *Tição* no Rio Grande do Sul, lançado pela jornalista Vera Daisy Barcelos, que retomava a luta contra a discriminação. Em São Paulo no mesmo ano, surgiu o *Jornegro*, que era editado por jornalistas como Odair Matos que ficou marcado pela produção de uma reportagem fundamental para a destruição do mito da democracia racial, publicada pela revista *Realidade* em 1967. Dez anos depois também surgiu o *Sinba*, jornal carioca criado por Yedo Ferreira, fundador do Instituto de Pesquisas da Cultura Negra.

Infelizmente esses jornais de resistência negra e feminina tiveram um tempo de circulação muito curto, pois eles surgiram no período da ditadura e representavam uma imprensa alternativa que não era aceita pelos governantes.

Mulheres e negros enfrentam dificuldades para entrar na mídia desde o seu nascimento. Em contra partida destes obstáculos, em 2001 foi criado o Núcleo de Jornalistas Afrobrasileiros, após jornalistas negros e negras terem enfrentado dificuldades para veicular reportagens e dar visibilidade para suas ações.

2.2 A mídia reforça o racismo

A mídia é um espelho da sociedade distorcido que reforça a sub-representação e os estereótipos segundo Rangel (2008), tal teoria é possível ser exemplificada no tema abordado nessa pesquisa, pois quando comparamos os números de mulheres negras na sociedade e no jornalismo, fica nítida a distorção deste espelho.

Além da representatividade como profissionais na área da comunicação, é encontrado um déficit na publicidade quando falamos da presença dos negros. Sendo assim, a mídia televisiva no seu geral, reforça a falta de espaço para esta população, causando uma falsa sensação de inexistência do grupo racial.

A veiculação maciça de propagandas em que desfilam, majoritariamente, pessoas brancas com características fenotípicas caucasianas, finda por naturalizar o sentido social de ser negro como um ser pertencente a grupo “minoritário”, convertendo a noção de “minorias” em traço semântico em si mesmo associado à pessoa negra. A consequência disso é o nascimento e a difusão da crença, na sociedade brasileira, de que esta é, plástica e predominantemente, branca! (BORGES e BORGES, 2012, p.47)

A falta de representatividade, espaço de fala e oportunidades, agrava os problemas das minorias. A comunicação, ao lidar com os assuntos sem um recorte de cor e sexo, silencia esse grupo que já não tem espaço e é estereotipado. É essencial que se tenha uma equidade, seja na produção do jornalismo, na publicidade e até mesmo ao dar voz durante as matérias.

Historicamente, a mídia recusa a adoção de uma perspectiva de gênero em seus conteúdos e reforça os estereótipos de gênero, raça e etnia, limitando a veiculação da opinião das mulheres em geral e invisibilizando a participação das mulheres negras e indígenas em todas as esferas da sociedade. Estas últimas, em razão da combinação do sexismo, do racismo e do etnocentrismo, estão na base da sub-representação, não têm suas demandas específicas contempladas na agenda midiática e ainda enfrentam o estereótipo de inferioridade intelectual, estética e moral. (BASTHI, 2011, p.7)

Seguindo a teoria de Basthi, as mulheres negras ao não terem espaço na mídia, tem suas pautas e necessidades ignoradas. A falta de diversidade na produção do jornalismo resulta num déficit de perspectivas e, no caso da apresentadora de televisão, causa uma falsa

sensação nos telespectadores de que não existem mulheres negras aptas para essa função e invisibilizam ainda mais o grupo étnico.

Lutando contra esses estereótipos, as jornalistas que ocupam o cargo de apresentadora tem um grande desafio: quebrar as barreiras do preconceito e ocupar um lugar onde normalmente não são vistas. O racismo ganha força na falta de visibilidade.

2.3 O racismo como obstáculo

Lázaro Ramos (2017) aborda como é importante entender que a falta de presença negra nas telas está ligada ao racismo e que isso é um problema de todos, não só apenas de pessoas de cor.

A palavra “identidade”, que passou a aparecer com cada vez mais frequência, calou fundo em mim. Ao mesmo tempo, comecei a ter a clareza de que não é uma “questão dos negros”. É uma questão de qualquer cidadão brasileiro, ela diz respeito ao país, é uma questão nacional. Para crescer, o Brasil precisa potencializar seus talentos, e o preconceito é um forte empecilho para que isso aconteça. (RAMOS, 2017)

Vera Daisy, 70 anos, mulher, negra e jornalista, trabalhou no setor esportivo do jornal Zero Hora em 1978. Apesar de ser uma pioneira em sua área, ela tinha que conviver com o machismo e o racismo, “Isto estava em piadas, em expressões da redação e até mesmo em chamadas no jornal” declarou Vera em uma entrevista a revista *Conexão Afro*.

A jornalista Maria Julia Coutinho é um exemplo de como uma sociedade racista ainda se manifesta em ver a mulher negra em lugares de visibilidade e poder. A primeira garota do tempo negra sofreu ataques de comentários racistas em seu Facebook em julho de 2016 ao entrar no Jornal Nacional.

Ela foi atrás de justiça e registrou um BO contra os criminosos. Em solidariedade, a jornalista recebeu apoio de seus colegas de trabalho, William Boner e Renata Vasconcelos que gravaram um vídeo falando sobre o acontecido, defendendo Maju e lançando a *hashtag* #SomosTodosMaju que viralizou nas redes sociais.

"Muita gente imaginou que eu estaria chorando pelos corredores (...) Eu já lido com essa questão do preconceito desde que me entendo por gente (...) Fico muito indignada, mas não esmoreço, não perco o ânimo (...) A militância que faço é o meu trabalho, com carinho, dedicação e competência" declarou a garota do tempo a revista *Pure People*.

Glória Maria também é grande referência quando falamos de jornalismo feminino e negro. Ela foi a primeira repórter negra da televisão brasileira em 1971 e também foi a primeira a entrevistar grandes celebridades como Michael Jackson.

Mesmo após 35 anos de carreira, ela declara que ainda sofre racismo, mas de uma forma mais velada, “O racismo não termina, mas ele tem diversas faces, agora eu já estou em um patamar em que as pessoas não vão dizer “Você não faz isso porque você é negra”, hoje a coisa é bem mais sutil [...].No Brasil até hoje eu preciso, na televisão, provar que eu sou uma profissional de talento, porque se não você é sufocada de uma maneira que você não imagina.” Declarou a profissional em uma entrevista a TV Mulher.

2.4 As jornalistas negras da atualidade, Maju Coutinho e Joyce Ribeiro

Em uma pesquisa da Vaidapé, foram analisados 204 programas, de sete emissoras distintas, transmitidos entre o segundo semestre de 2016 e 2017, contabilizaram 272 apresentadores e apenas 10 eram negros. A análise também fez a suposição de que se um dia fosse composto pela programação de programas com apresentação, negros ficariam no ar por 6 minutos.

A escassez de jornalistas negras na televisão é evidente. Porém, indo contra essa maré de falta de representatividade, Maria Julia Coutinho (Maju) e Joyce Ribeiro vem quebrando barreiras e ocupando lugares nunca antes ocupados por mulheres de cor.

Joyce começou em 2002 no programa Fala Brasil da Record, em 2005 foi para o SBT onde apresentou cinco telejornais, sempre com outras pessoas na bancada, e saiu da emissora em 2017. Após quase 20 anos de carreira, ela se tornou a primeira mulher negra na frente de um telejornal noturno no dia 2 de abril de 2018 ao tomar frente do Jornal da Cultura.

Com um formato um pouco diferente de telejornal, a jornalista além de apresentar notícias, tem um papel de mediadora no debate dos especialistas presentes no jornal e com interação dos espectadores.

Joyce Ribeiro sempre teve a televisão como objetivo desde que começou sua faculdade, “eu queria trabalhar na televisão e sabia que entraria no inédito, porque eu não me via representada em nenhuma TV. Eu tinha ideia da dificuldade, mas não sabia que seria tanta assim, o dia a dia foi me mostrando que cada passo é uma luta.” Disse em entrevista a TV Aparecida.

“A conquista é contínua e diária, ainda temos um longo caminho a ser trilhado, mas as mulheres já estão inseridas no mercado de trabalho de uma forma que possibilite que elas

lutem por aqui que falta. É um momento especial, se formos pensar a 20 anos isso não acontecia dessa forma, as mulheres estavam deixando as casas para entrar no mercado.” Declarou Joyce ao analisar o lugar da mulher negra na televisão, na mesma entrevista.

Em 68 anos de debates políticos, nunca tivemos uma mulher negra mediando um debate na televisão brasileira. Porém 2018 ela quebrou mais essa barreira e foi mediadora de um dos debates presidenciais, oportunidade que ocorreu em 21 de setembro na TV Aparecida. “A gente ainda destaca a presença de uma mulher negra em um debate presidencial, mas eu trabalho para que daqui algum tempo, a gente não tenha mais que destacar essa informação com estranheza, porque vai passar a ser algo normal.” Comentou a jornalista ao ser perguntada como se sentia ao entrar para a história.

Mesmo sendo a primeira a ocupar este espaço, ela reconhece que não chegou até aqui sozinha e que deve isso a todas as mulheres negras que batalharam para fazer parte da comunicação “Eu fico muito honrada, a minha conquista é a conquista de muitas pessoas. Para que eu esteja aqui hoje desempenhando esse papel, outras mulheres negras passaram e trilharam caminhos muito mais difíceis do que o meu, então o peso da responsabilidade vem nesse momento e eu transformo isso na melhor forma de fazer o meu trabalho.”

Maju Coutinho começou na TV Cultura em 2005 onde foi apresentadora do Jornal da Cultura e do Cultura Meio-dia. Em 2007 entrou para a rede Globo onde começou como repórter para vários telejornais e em 2013 estreou como “garota do tempo”, apresentando a meteorologia passando pelo Globo Rural, Bom dia SP, Bom dia Brasil, Hora Um, Jornal Hoje e em abril de 2015 foi colocada como apresentadora da previsão do tempo ao vivo no Jornal Nacional.

Mesmo estando presente no principal jornal do país, ela ainda não ocupava o lugar de âncora. Porém, no mesmo ano a jornalista entrou para o rodízio de apresentadores do SPTV, foi apresentadora eventual do Jornal Hoje de junho de 2017 há 2019. Em 2018 ela passou a integrar o time de apresentadoras do Saia Justa na GNT e estreou em novembro do mesmo ano como apresentadora no Papo de Almoço da rede globo.

Após 14 anos de carreira na televisão, em 16 de fevereiro de 2019 Maria Julia se tornou a primeira mulher negra a integrar o corpo fixo de apresentadores do Jornal Nacional. A jornalista ainda não é âncora oficial, mas faz parte do time de revezamento aos sábados e feriados junto com Rodrigo Bocardí, Dony de Nuccio, César Tralli, Sandra Annenberg, Ana Luiza Guimarães, Flávio Fachel, Monalisa Perrone e Ana Paula Araujo, todos brancos.

Em entrevista ao portal F5, Maju declarou que sua estreia é simbólica e representativa, mas demonstrou um sentimento parecido com o de Joyce “Infelizmente, ainda é notícia. Espero que isso se torne cada vez mais comum e, no futuro, a cor da pele de um profissional não seja notícia ou mereça destaque.”.

Após sua estreia, a jornalista demonstrou sua felicidade com um post em seu Instagram com a legenda “A intensidade do que vivi nos últimos dias é imensurável que por enquanto só me resta agradecer todo o acolhimento que recebi. Talvez, um dia, depois de digerir tudo isso, eu deixe um textão aqui. Obrigada”.

O Jornal Nacional teve sua estreia em 1º de setembro de 1969, sendo assim, no segundo semestre de 2019 completará 50 anos de exibição. Durante todos esses anos, Heraldo Pereira foi a única pessoa negra a ocupar a bancada no jornal, também no time rotativo. O principal jornal da maior emissora brasileira, só teve a primeira mulher negra na bancada após quase 50 anos de existência, o que nos leva a pergunta principal desta pesquisa: o déficit de mulheres negras como apresentadora de televisão.

2.5 Em defesa do jornalismo negro

Segundo o Instituto Ethos apenas 3,6% das 500 maiores empresas do Brasil têm políticas de inserção de afrodescendentes. Para lutar contra essa falta de oportunidades e participação, buscando quebrar as barreiras e garantir direitos, movimentos como o Movimento Negro e a A Federação Nacional dos Jornalistas lutam para criação de normas que possibilitem uma maior participação e visibilidade.

A FENAJ em parceria com a ONU Mulheres cria ferramentas para garantir um jornalismo mais plural, inclusivo e sem discriminações, com ações cooperativas (BASTHI, 2011)

A consolidação de uma imprensa livre e independente, contudo, somente será viável quando a mídia eliminar todos os mecanismos que favorecem a exclusão e subordinação das mulheres e das populações negra e indígena. Ter uma imprensa livre e independente passa pelo fim da dominação masculina e da discriminação de gênero, raça e etnia na mídia. Inclui ainda a eliminação de todas as formas de exclusão e perseguição às mulheres jornalistas nas redações de jornais, rádios, revistas, televisões e mídias digitais. (BASTHI, 2011)

A luta do negro no jornalismo atualmente tem bases de apoio pelo Brasil como a A Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial de São Paulo foi criada em 2000 (Cojira-SP), no Rio de Janeiro em 2003 (Corija-RJ), em Alagoas (Corija-AL) e no Distrito Federal (Corija-DF) em 2007, temos também o Núcleo de Jornalistas Afro-Brasileiros do Rio Grande do Sul criado

em 2001 e Diretoria de Relações de Gênero e Promoção da Igualdade Racial da Bahia que existe desde 2010.

Hoje existem esses órgãos que buscam os direitos da população negra na comunicação, mas é extremamente recente, pois eles começaram a surgir em média há apenas dez anos. O que comparado com os milhares de anos de racismo no Brasil, último país a abolir a escravidão, praticamente desaparece.

2.6 Brasil: uma estrutura racista

A sociedade brasileira é composta por uma estrutura e esta estrutura é racista. É importante entender e analisar este problema não apenas como um preconceito, uma violência direta, mas como um componente que interfere em todas as relações, pessoais e interpessoais. Partido deste princípio fica mais claro o porquê da existência do déficit da população negra em posições altas da hierarquia do mercado de trabalho e as dificuldades de se chegar até lá.

Segundo Stokely Carmichael e Charles Hamilton, ativistas do grupo Pantera Negra e criadores da ideia de Racismo Institucional, o termo “trata-se da falha coletiva de uma organização em prover um serviço apropriado e profissional às pessoas por causa de sua cor, cultura ou origem étnica”.

O filósofo do direito Silvio Almeida, explicou em entrevista a editora Boi Tempo o que é racismo estrutural e como ele acontece na sociedade. Sua análise começa apresentando o racismo como algo normal e não anormal na sociedade, não visto como uma patologia, mas como algo que constitui as relações no seu padrão de normalidade. Sendo assim, o racismo é uma forma de racionalidade, de compreensão das relações e constitui ações conscientes e inconscientes.

Para ele, o racismo estrutural se constitui na sociedade através de três pontos estruturais: economia, política e subjetividade. Para exemplificar, o filósofo comenta sobre economia. Analisando o fato de que o grupo social mais afetado pela carga tributária brasileira são as mulheres negras, pois o sistema tributário reproduz as condições de desigualdade da pirâmide social brasileira, onde essas mulheres são as que recebem os menores salários.

Toda esta estrutura cria um ciclo de relações que tem interferência de um racismo velado ou não, uma estrutura social que se autoexplica ao ser analisada.

“Se eu ganho pouco, moro em lugares de grande vulnerabilidade, o ganhar pouco gera privações que vão gerando tensões familiares, sociais, que tornam as pessoas mais propensas a serem vítimas de algum tipo de violência. Então conseguimos estabelecer uma relação

estrutural entre o baixo salário das mulheres negras, a constituição do sistema político tributário e falta de representatividade da mulher negra.” (ALMEIDA, 2016)

É a partir desta estrutura quem se dão como consequências com a dificuldade de ascender profissionalmente, de alcançar um estilo de vida estável e até mesmo de ter espaço para lutar por políticas públicas que busquem solucionar o problema. De acordo com Almeida, ao falar de estrutura incluímos também aquele que não concorda com o racismo, mas ao mesmo tempo não faz nada para combatê-lo, pois não quer sair da “normalidade”.

2.7 Onde estão os alunos negros?

Antes mesmo de chegar à profissão, a população negra encontra dificuldades para entrar na universidade, por questões econômicas e de classe social. Segundo o IBGE, A Síntese de Indicadores Sociais, revelou que de 2004 para 2014 o percentual de alunos pretos ou pardos que estavam em uma faculdade saltou de 16,7% para 45,5% e o número de estudantes brancos foi de 47,2% para 71,4% no mesmo período.

O que mostra que mesmo com o aumento de estudantes negros, os jovens brancos ainda predominam as universidades. Tal crescimento se deu em consequência do programa de cotas criado em agosto de 2012 que garante 50% das vagas em todos os cursos nas instituições federais de ensino superior levando em conta critérios socioraciais (considerando etnias não somente a negra e também condição social) e o uso de programas sociais como o Prouni e o Fies, comprovado pelo MEC que os negros são maioria nesses financiamentos, no FIES representam 50,07% e nas bolsas do Prouni 52,10%.

A USP (Universidade de São Paulo) em 2017 tinha apenas 15,5% de alunos pretos e pardos, porém iniciou o sistema de cotas sociais e raciais em seu vestibular no ano de 2018 buscando aumentar esses números. Segundo o MEC (Ministério da Educação) apenas 32,5% dos alunos de instituições superiores no Brasil não são brancos.

Tais números levantam o questionamento de que a ausência de minorias raciais em cargos mais altos do mercado de trabalho vem também de um racismo estrutural que dificulta a chegada do jovem à universidade e consequentemente a posições que exigem uma formação acadêmica.

3. METODOLOGIA

Ao olhar para o telejornalismo, está pesquisa busca identificar onde está a mulher negra nessa área. A pergunta problema da pesquisa é “Qual a quantidade de profissionais negras

como apresentadoras de TV na cidade de São Paulo, onde e como elas se apresentam? E se há realmente um déficit, o que isso representa?”.

A metodologia se divide em quantitativa e qualitativa. A quantitativa se deu:

- Numerando e identificando as profissionais negras como apresentadora de telejornal nas principais emissoras de São Paulo da televisão aberta: Globo, SBT, Record, Rede Tv, Band, Cultura e Gazeta. Usando a pesquisa da Vaidapé como base.
- Identificando os números da população negra no mercado de trabalho, através de dados do IBGE e pesquisas como Ethos e Geema.
- Identificando o número de jovens de cor no ensino superior

É também qualitativa, pois traz entrevistas e declarações de jornalistas negras e levanta questionamentos sociais como o racismo institucionalizado, ações afirmativas e as lutas contra o racismo dentro do jornalismo.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

Após quantificar as apresentadoras atuais do jornalismo paulistano, foi constatado que as únicas apresentadoras negras nas emissoras analisadas são Maria Julia Coutinho e Joyce Ribeiro, sendo a primeira em uma escala rotativa aos sábados e a segunda em um telejornal que por si só busca fugir dos padrões, trazendo comentaristas e tendo a jornalista num mix de apresentadora e mediadora.

Ao comentar a sobre o problema desta pesquisa, a mulher negra como apresentadora de televisão, as duas tem a mesma opinião: Lamentam que nos dias de hoje ainda estejam quebrando barreiras, enxergam que muitas mulheres precisaram lutar para que elas pudessem chegar onde estão e declaram que ainda existe um caminho duro a ser trilhado para trazer mais mulheres como elas para a câmera.

A mulher negra não está nas telas da tv, pois é a base da pirâmide social. O racismo estrutural dificulta a chegada delas na educação, em trabalhos estáveis, altas posições no mercado de trabalho, incluindo o cargo de apresentadora televisiva. E mesmo para as que conseguem entrar no mercado jornalístico, a trilha até a bancada é mais difícil do que para

qualquer outra pessoa, por dois motivos principais: o racismo e o fato mulheres como elas raramente ocuparem tal espaço.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscava verificar a presença da mulher negra como apresentadora de televisão, quais seus relatos e como se apresentam. Maria Julia Coutinho e Joyce Ribeiro foram as duas jornalistas encontradas e ambas apresentam as mesmas lamentações e desafio. O déficit apresentado aqui reflete um problema de toda sociedade brasileira: o racismo e a falta de oportunidades e ações afirmativas para a população negra.

A precariedade da população negra no mercado de trabalho vem desde a abolição da escravidão. O racismo estrutural mantém um sistema preconceituoso, ignora o racismo, a falta de oportunidades e a necessidade de ações afirmativas para esta minoria. A falta de negros na comunicação reforça o preconceito e retira a voz de mais da metade da população que praticamente não tem um espaço dentro do processo de produção da notícia, perdendo local de fala, representatividade e deixando de criar pautas que muitos jornalistas brancos nem imaginam que sejam necessárias.

O cargo de apresentadora está ligado a estética e a ideia de “rosto da notícia”. Trazer um rosto negro e feminino para as telas diante de uma sociedade racista expõe o preconceito como no caso das primeiras aparições de Maju, mas isto só prova como é necessário introduzir as jornalistas e desmistificar essa ideia de sociedade branca, onde ser negro não é aceito. Como é possível um país com mais de 50% de sua população negra, só ter uma mulher negra na bancada no jornal nacional mais popular do país após 50 anos de sua existência?

A mídia é formadora de opinião não apenas quando decide o que vai ser notícia, mas também quando decide quem vai colocar na tela, em que posição e em que situação.

6. REFERÊNCIAS

BASTHI, Angélica. Guia para Jornalistas sobre Gênero, Raça e Etnia, 2011. Disponível em <http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2013/01/guia_jornalistas.pdf>. Acesso em 7.11.2016.

BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane. Mídia e racismo. Petrópolis, RJ: DP et alii, 2012.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Mulher negra no mercado de trabalho. Estudos feministas, v. 3, n. 2, 1995.

CANDIDO, Marcia Rangel; JUNIOR, João Feres. Jornalismo Brasileiro: gênero e cor/raça dos colunistas dos principais jornais do país. Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em <<http://gema.iesp.uerj.br/infografico/jornalismo-brasileiro-genero-cor-raca-dos-colunistas-dos-principais-jornais/>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

CARMICHEAL, S. e HAMILTON, C. Blackpower: the politics of liberation in America. New York, Vintage, 1967, p.4.

CAMPOS, Poti Silveira. **A opção do jornalismo**. 2011. Disponível em: <<https://conexaoafro.wordpress.com/2011/05/26/a-morte-de-abdias-nascimento-uma-perda-irreparvel>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

GUIDORIZZI, Guilherme. **Maju lembra reação ao ser vítima de racismo: 'Chorei abraçada com o meu marido'**. 2015. Disponível em: <https://www.purepeople.com.br/noticia/maju-lembra-reacao-ao-ser-vitima-de-racismo-chorei-abracada-com-o-meu-marido_a88165/1>. Acesso em: 20 fev. 2019.

GONSALVES, Adolto. Jornalistas negras não estão nas redações. Observatório da Imprensa: você nunca mais vai ler jornal do mesmo jeito, 2008. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/jornalistas-negras-nao-estao-nas-redacoes/>>. Acesso em 1 nov. 2016

INSTITUTO ETHOS. Perfil Social, Racial e de Gênero das 500 Maiores Empresas do Brasil e Suas Ações Afirmativas. São Paulo, 2016. Disponível em <https://www3.ethos.org.br/wp-content/uploads/2016/05/Perfil_Social_Tacial_Genero_500empresas.pdf> Acesso em: 15 mar. 2018.>. Acesso em 1 nov. 2016.

MATIAS, Karina. **Maju Coutinho diz que ser a 1ª mulher negra na bancada do JN é simbólico: 'Espero que se torne comum'**. 2019. Disponível em:

<<https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2019/02/maju-coutinho-diz-que-ser-a-1a-mulher-negra-na-bancada-do-jn-e-simbolico-espero-que-se-torne-comum.shtml>>. Acesso em: 5 out. 2018.

MINISTERIO DOS DIREITOS HUMANOS. Em 3 anos, 150 mil negros ingressaram em universidades por meio de cotas. Secretaria Nacional de Políticas de promoção da Igualdade Racial, 21 mar. 2016. Disponível em: <<http://www.seppir.gov.br/central-de-conteudos/noticias/2016/03-marco/em-3-anos-150-mil-negros-ingressaram-em-universidades-por-meio-de-cotas>>. Acesso em: 7 out. 2016.

NASCIMENTO, Silvia. Na imprensa brasileira, o negro não tem opinião. Mundo Negro, 2016. Disponível em: <<http://www.mundonegro.inf.br/na-imprensa-brasileira-negro-nao-tem-opinioao/>>. Acesso em: 10 nov. 2016

OLIVEIRA, Tory. Seis estatísticas que mostram o abismo racial no Brasil. Carta Capital, 20 de nov. 2017. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/seis-estatisticas-que-mostram-o-abismo-racial-no-brasil>> Acesso em: 20 mar. 2018.

RAMOS, Lázaro. **Na minha pele**. Rio de Janeiro: Schwarcz S.a., 2017. 147 p.

RANGEL, Patrícia. Mulheres na mídia: um espelho distorcido. Cfemea, 18 set. 2008. Disponível em: <www.cfemea.org.br/index.php?option=comcontent&view=article&id=2752:mulheres-na-midia-um-espelho-distorcido&catid=213:noticias-e-eventos&Itemid=148>. Acesso em 5 nov.2016.

RIBEIRO, José Hamilton. Jornalistas: 1937 a 1997: história da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

ROCHA, Paula Melani. Mulher jornalista, relações familiares e profissionais. Revista Jurídica Eletrônica UNICOC, nº2, outubro de 2005. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/2542864.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2018.

SANTANA, Henrique; SALLES, Iuri. **Por que os negros não apresentam programas de televisão**. 2017. Disponível em: <<http://vaidape.com.br/2017/06/pesquisa-apresentadores-negros-na-televisao/>>. Acesso em: 13 set. 2018.

SALES, Robson. IBGE: Acesso de negros à universidade cresce; maioria ainda é branca. Valor Econômico, 2016. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/brasil/4342534/ibge-acesso-de-negros-universidade-cresce-maioria-ainda-e-branca>>. Acesso em: 5 nov. 2016.

SILVA, Denise Ferreira da; LIMA, Marcia. Raça Gênero e Mercado de Trabalho. Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro CEAA, dez. 1992.

TV APARECIDA. **Joyce Ribeiro fala sobre trajetória de sucesso.** 2018. (17m37s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=g9mBwgtiZso&t=2s>>. Acesso: 5 out. 2018.

TV BOI TEMPO. **O que é racismo estrutural? // Silvio Almeida.** 2016. (10m28s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PD4Ew5DIGrU>>. Acesso: 7 abr. 2019.

VIVA. **Glória Maria – Tv Mulher.** 2016. (11m47s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g2PJJ_F6yEQ&t=1s>. Acesso em: 20 ago. 2018.

7. CONTATOS

Aluna: anacarolinahuertas@gmail.com Orientadora: denise@mackenzie.br